

IMAGEM, CORPO E SUJEITO: A AUTORREFERÊNCIA COMO EXPERIÊNCIA VIRTUAL DISCURSIVA

Joaquim José de Lima Santos¹

Victor Wesley da Silva Melo²

Isaac Costa³

Para Carolina Fernandes, em *Imagem*, de 2020, a imagem esteve associada a outros conceitos precursores da Análise de Discurso, como a formação imaginária, a memória, o sujeito, a materialidade significativa e a rede de formulações visuais. Diz Fernandes (2020, p. 152) que a “leitura da imagem parte, portanto, dessa relação entre discurso, forma material e memória discursiva”. É no entremeio do inconsciente, da ideologia, do imaginário, da cultura e da língua que é possível observar a formação de uma *imagem*. Trata-se de um construto teórico afetado por diversos campos de desenvolvimento, e que recebe roupagem especial ao ser discursivizado, isto é, deslocado até o campo teórico-metodológico da AD.

A nossa intenção é a de observar como se desenrolam essas relações de afetação presentes na imagem, por meio da análise da formação das *imagens de si* em ambientes virtuais. Pensamos que o sujeito cria para si uma imagem formulada sobre e a partir de determinadas antecipações e projeções imaginárias, de modo a cumprir com as determinações prescritas pela cultura e pela ideologia sobre o corpo do sujeito: como ele precisa ser e aparentar, que funções desempenha, de que maneira se apresenta e representa. Utilizaremos como base para essa reflexão, além das definições de Fernandes e de Pêcheux, as leituras de Giselle Beiguelman, especialmente em *Políticas da imagem*, de 2021.

Beiguelman define que um dos marcos da reorganização da subjetividade e da vida no processo de consolidação do capitalismo industrial e da urbanização do século XIX gira em torno da imagem. A autora aborda a imposição de novas regras estruturais e da utilização dos corpos em maior velocidade e eficiência, que alteraram os padrões de comportamento por meio do consumo e da produção. Trata-se de um conjunto de diretrizes imagéticas e corpóreas que passa a ditar as formas de ocupar a cidade e de normatizar o comportamento para produção e o consumo; passa a nos informar o que e como olhar. A modernidade se impõe por meio dessas *políticas do corpo*, através da adequação ao trabalho nas fábricas e à vida burguesa, alterando essencialmente o *olho*.

¹ Graduando em Licenciatura em Letras pela UPE, Campus Garanhuns.

² Graduando em Licenciatura em Letras pela UPE, Campus Garanhuns.

³ Doutor em Estudos da Linguagem pela UFRGS, Mestre em Linguística pela UFPE, Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da UPE, Campus Garanhuns.

O corpo é compreendido como superfície material do sujeito, o modo de vê-lo e o lugar de sua marca, como afirma Maria Cristina Leandro-Ferreira em *O corpo como materialidade discursiva*, de 2013. Para Luciana Vinhas (2014, p. 109), o corpo possui três grandezas, real, simbólica e imaginária. A primeira, “a real, trata da estrutura do corpo, que engloba materialidades que se apresentam primeiro à significação para o outro”. A segunda, a simbólica, é situada em “sentidos que lhe são atribuídos por gestos de interpretação na história e, também, a memória discursiva”. Por último, a imaginária, “significa para o sujeito uma unidade identitária”.

O corpo é, assim, perpassado e formado pela linguagem, como aborda a Psicanálise, e serve como materialização sujeito. A relação que se forma entre corpo e discurso é sustentada pela linguagem, levando em consideração que discurso é efeito de sentido e, sendo efeito de sentido, é efeito de linguagem. De acordo com Orlandi (1994), é pertinente dizer que sujeitos e sentidos dão forma à linguagem. O corpo é raciocinado como formulação do sujeito, em diversos discursos, através de sua materialidade, ou seja, da sua impressão na história.

No interior da lógica capitalista elencada por Beiguelman, entretanto, o corpo foi apartado dos processos de *visualização*; dele só restou o *olhar*, organizado e disciplinado por uma lógica fabril. Segundo Costa (2023, p. 146), “a conjuntura social capitalista isola o olhar, exclui o olho da experiência conjunta que opera com os outros órgãos, na intenção de direcionar a atenção do olhar para o trabalho e o consumo”. Trata-se, então, de compreender como se configura essa posição discursiva constituída por intermédio do olhar que contorna outro corpo em produção, uma imagem virtual do corpo do sujeito. Didi-Huberman, em *Diante da imagem*, de 2013, afirma que “há um *trabalho* do negativo na imagem, uma eficácia ‘sombria’ que, por assim dizer, escava o visível”. Assim, segundo Costa, as imagens postas em circulação no ciberespaço tendem a promover o igual, o uniforme, o liso, o belo, o mimetizável, um local em que a presentificação dos sujeitos é atravessada pelo drama existente entre o senhor que passa de agente da visão a objeto do olhar.

Lacan, em *O estádio do espelho*, de 1949, afirma que existem dois elementos derivados da dimensão imaginária, um conjunto de registros, ao lado do simbólico e do real. A relação de constituição do sujeito ocorre por meio desses registros e, também, através do corpo. O processo se constitui pelo olhar da criança, diante de um espelho, anterior à aquisição da fala e do andar, descobrindo sua própria imagem refletida. A partir dela, dessa imagem informada pelo outro, o sujeito descobre-se. Em alusão à posição de Merleau-Ponty em *O visível e o invisível*, Lacan cita que o visível está na dependência do olho, ele distingue, ainda, o olho do olhar, não podendo ser esquecida a importância do olho para o processo de percepção, com sua função reguladora da forma.

De posse dessas informações e mais detidamente sobre o processo de análise, passamos a falar brevemente sobre as condições de produção específicas que guiaram nosso interesse. Primeiro tratamos de eleger um evento, o show da cantora Marina Sena no Recife em 2023. Depois, de um

arquivo alimentado por postagens no X, selecionamos aqueles enunciados em que apareciam combinados os dizeres “Marina Sena”, “show” e “Recife”. Elencados os enunciados a partir desses índices, fomos afetados pelo estranhamento de um outro termo, “celular”. Dessas colocações, destacamos a seguinte: “Marina Sena consegue lançar um DVD do show de ontem se pegar o celular de alguns queridos. O pessoal passa o show todo gravando”. A partir da leitura de relatos desse tipo de experiência com a imagem, em que se questiona a relação do sujeito com a realidade dentro e fora das telas, refletimos acerca dos processos de visualização desses sujeitos. A metodologia compreende, assim, a exploração dialética dessa contradição instaurada entre estar presente e mediar a presença por meio da tela do celular. Nesse esquema, o olhar é direcionado à tela, a experiência é modulada de acordo com a representação desse evento em ambiente virtual.

A hipótese elencada é a de que a *autorreferência* do usuário das redes se apresenta como particularidade do processo de subjetivação – o que interessa não é efetivamente o evento, o show que se desenrola, mas, sim, o registro imagético de um sujeito posto como ponto de referência. Essa imagem é fabricada de acordo com uma lógica fabril, há de se registrar cada vez mais e com mais velocidade, para cumprir com um determinado ideal, integrar o imaginário que põe em ação um dado traço cultural. O sujeito precisa mostrar, dar-se a ver, dizer estar presente, relatar a experiência aos seus seguidores enquanto ela ocorre. Além disso, o registro confere realidade ao evento. Sem ele, não se diz sobre a experiência. Não interessa para essa imagem a reflexão sobre o evento após o seu fim, mas, sim, o agora registrado pelo telefone. A rapidez da postagem, da live virtual, sustenta a possibilidade da existência dessa imagem, que se não for logo consumida, deixa de ser interessante. Participam, assim, dessa concepção, a afetação da imagem de si pelas determinações das formações imaginárias, culturais, discursivas e ideológicas. O esquema põe em relação a formação ideológica e a formação cultural que, em conjunto, fornecem os signos que servem de base para a formação imaginária cristalizar um dado protótipo, como um ideal de corpo, de comportamento, de experiência.

O abuso destas ferramentas de interação social que se utilizam do registro visível gera dependência e promove a falta de foco, mesmo que inconscientemente. Consideramos, por exemplo, a sequência a) contemplação, b) registro, c) autorreferência. Um sujeito, ao avistar o objeto, se aplica a ele; o objeto tem um valor intrínseco e atrai a atenção com o seu conteúdo. Mas, de imediato, o sujeito transforma sua experiência em registro, se afastando do objeto que deveria ser contemplado, fazendo com que sua experiência seja mediada pelo celular, coloca-se algo entre o objeto e o olhar

Não basta o sujeito ser, é preciso que ele se dê a ver, que seja visto fazendo, apreciando, vivendo, enfim. Além disso, a imagem serve ao capital, é a acumulação dessas imagens que importa e que mostra o que se fez e quem se é. A imagem se torna o principal conduto de passagem para reconhecer e vivenciar a experiência social como real. Pensamos que esse dispositivo que se coloca como mediador entre experiência social e a constituição subjetiva atua como mecanismo de vivência

da realidade, meio de acesso à posição-sujeito. Para se haver plenamente uma relação do sujeito com o mundo é necessária uma mediação, que se dá pela ideologia, vista como espaço imaginário definidor da relação do sujeito com sua existência no mundo. Com esta designação sobre o imaginário e sua maneira particular de significar o social e o histórico, a ideologia é conduzida para uma transformação conceitual: está cada vez mais próxima da imagem e do vídeo, acena para a *videologia*, como afirma Bucci (2021).

Desse ponto de vista, é importante para nós a imagem feita do/pelo sujeito/usuário dentro das redes sociais. O sujeito busca participar e está inserido em uma experiência específica da realidade, contudo, mais que participar, ele quer compartilhar essa experiência, e, por isso, ele se insere nas redes registrando seu corpo. Aqui enfatizamos que corpo é a materialidade do sujeito, como ele experencia o sentido e se relaciona com o mundo simbólico, que se transforma em imagem. A imagem é compartilhada e gera a sensação de registro/prova/veracidade para o outro, viver a experiência não é suficiente. Ou seja, o deslocamento do corpo e a participação social, a presentificação no evento, só chegam em sua plenitude quando o sujeito se insere nesse ambiente virtual, faz o registro e o compartilha. Trata-se de uma nova forma de conceitualizar o real sócio-histórico, de repensar o espaço que permite a formação dos imaginários sobre o usuário.

Não vai existir uma relação direta entre linguagem e mundo, sempre vai haver uma mediação ideológica e imaginária. Orlandi (1994, p. 57) afirma que “a relação não é direta, mas funciona como se fosse, por causa do imaginário”. Tudo ocorre como se o agir e o significar na rede social fossem processos transparentes, no entanto haverá uma resignificação de significado quando se transforma o signo em imagem, uma exclusão da unidade histórica e cultural que produz essa “transparência”. A palavra se transforma em imagem. O evento é imagem. O corpo atende e produz uma imagem. Além disso, outros pontos interessam à análise de “Marina Sena consegue lançar um DVD do show de ontem se pegar o celular de alguns queridos. O pessoal passa o show todo gravando”. A partir desta frase podemos inferir que a) a pessoa se sentiu incomodada porque outro estava gravando; b) existe uma formatação do imaginário que ocorre por via da produção (do “DVD”, gravado por um participante do evento) e logo vamos imaginar condicionados por essa ideia de produção e consumo; essa relação atravessa a experiência. A diferença, nesse caso, é que o produto não é mais o DVD, o dinheiro não é mais a única moeda de troca. O produto é o próprio sujeito e o capital é visual, é a influência, é a construção de imagem. Por último, ao afirmar que as pessoas passam o show todo gravando, temos que levar em consideração que o participante do show não é só público, mas um produtor de conteúdo sobre o show, ele gera engajamento nas redes sociais e lucro.

O termo “querido” utilizado na postagem costuma remeter a alguém amado, estimado, palavra carinhosa usada quando se tem intimidade, que designa alguém a quem se estima ou ama. Aqui, entretanto, a ironia se faz presente. Trata-se de um desconhecido atrapalhando a visão, um empecilho à contemplação. O tratamento cínico indica que o sujeito reconhece a existência do ritual

de autorreferenciação, de mutação da imagem e de registro, mas que ainda assim tenta resistir a ela. A autorreferência retrata uma imagem que serve de base para a formulação de uma posição no discurso, que se apresenta como presente, participativa, integrante. No fundo essa imagem compartilhada não tem a intenção de informar, mas de fornecer status à pessoa que compartilha, mostrá-la como condizente ao imaginário que prediz felicidade e bem-estar. O sujeito se insere na formação cultural que diz ser o comum compartilhar suas experiências, no imaginário das outras pessoas que veem seu conteúdo compartilhado. Portanto, a postagem serve como janela para observação dessa lógica da geração de engajamento, de conteúdo, de curtidas, de produção. Forma-se, assim, um esquema que põe em relação FI e FC que, em conjunto, fornecem os signos que servem de base para a formação imaginária cristalizar um dado protótipo ideal de sujeito, de corpo, de comportamento, de experiência.

REFERÊNCIAS

- BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da imagem**: Vigilância e resistência na dadosfera. 1. ed. São Paulo: Ubu, 2021.
- BUCCI, Eugênio. **A superindústria do imaginário**: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- COSTA, Isaac. **Vrá! (ou entre ela e eu)**: discurso de um sujeito drag queen. 2023. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul,. Porto Alegre, 2023.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da imagem**: questão colocada aos fins de uma história da arte. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2013.
- FERNANDES, Carolina. **O visível e o invisível da imagem**: uma análise discursiva da leitura e da escrita de livros de imagens. Campinas: Mercado de Letras, 2017.
- FERNANDES, Carolina. Imagem. In: LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Glossário de termos do discurso**. 1. ed. ampl. Campinas: Pontes, 2020. p. 147-154.
- FERNANDES, Carolina; VINHAS, Luciana Iost. Da maquinaria ao dispositivo teórico-analítico: A problemática dos procedimentos metodológicos da análise do discurso. **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, v. 19, n. 1, p. 133-151, jan./abr. 2019.
- INDURSKY, Freda. Que sujeito é este. In: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele; SILVA SOBRINHO, Helson Flávio (org.). **Silêncio, memória, resistência**: a política e o político no discurso. Campinas: Pontes, 2019. p. 79-102.
- LACAN, Jacques. **O Seminário, livro XI**: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O corpo como materialidade discursiva. **REDISCO**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013.
- MARCOS, Antônio. **O auto paparazzo**. 14 dez. 2021. Instagram: @quinzinho. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CXeTI7uP8YA/>. Acesso em: 29 jun. 2023
- ORLANDI, Eni. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994.



PÊCHEUX, Michel. [1975] **Semântica e Discurso** – uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1993.

VINHAS, Luciana Iost. **Discurso, corpo e linguagem**: processos de subjetivação no cárcere feminino. 2014. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.